

Meditações de Advento

1. Advento: saudades do futuro

Advento é tempo de espera, de vigilância, de preparação e de chegada. É o tempo litúrgico onde o suspiro de expectativa e de esperança não fica sem resposta. O Advento é um brado de esperança. “O ar está cheio de nossos gritos” (Beckett). A Vinda de Cristo é, portanto, o grande evento que agita os corações, sacode as inteligências, inquieta as pessoas, move as estruturas... Toda a nossa vida se transforma na história de uma espera e de um encontro surpreendente. Quem vive o clima do Advento não é prisioneiro da “cotidianidade”: mantém o olhar fixo no horizonte, para a consolação, para a revelação da glória de Deus. Se o presente é sem sol, ele está seguro da aurora.

“O futuro é ilusão temperada na fé. Deste, nada se sabe e, no entanto, tudo se espera: o amor ávido, o bem-estar diletante, a irrupção final e feliz do ser que somos e não temos sido” (Frei Betto). Advento é sempre tempo de redescobrir quem somos, o que queremos e para onde vamos. A “mística da gravidez” perpassa todo este tempo, criando em nós uma atitude permanente de espera e fazendo-nos crer na força escondida da vida que continuamente está para nascer. Trata-se de um tempo que alimenta em nós o desejo e a esperança de um “novo parto” da salvação de Deus.

Deus quebrará seu silêncio, a noite escura será iluminada, a primavera substituirá o inverno. O cristão guarda em si o fogo do Espírito Santo, que o mantém sempre vivo, forte, aberto ao futuro. Ele não olha o passado; vê longe e sonha grande. Porque está aberto ao Espírito, não permanece espectador passivo.

Podemos recordar a missão do sentinela, uma das figuras bem conhecidas na história do povo do A.T. Situado estrategicamente em lugares altos e de amplos horizontes, ele recebe a delicada missão de observar, vigiar, discernir e anunciar, para defender a vida do povo . Tal missão implica numa vigilância investigadora do horizonte, onde se fazem perceptíveis os “sinais”, ou até mesmo os indícios de que algo importante para a vida do povo está prestes a acontecer.

Mas não basta captar os sinais. O sentinel deve interpretá-los, quando não são claramente perceptíveis, no horizonte longínquo. Por isso, o sentinel está treinado para “olhar” a grandes distâncias, para “olhar” com precisão. Seu “olhar” investigador, aguçado pelo amor ao povo e a fidelidade à missão, está em alerta permanente. “Em meu posto de espreita, meu Senhor, estou firme ao longo do dia, e no meu posto de guarda, permaneço de pé noites inteiras” (Is. 21,8).

O mais específico da função do sentinel é, portanto, a capacidade de “olhar” corretamente e de anunciar o que vê, sem se deixar enganar pelas aparências ou por qualquer tipo de engano, sempre em função da defesa daqueles que dependem da sua vigilante perspicácia. Testemunha fiel, que não se deixa comprar nem subornar, o sentinel é a visibilização da Misericórdia de Javé para com o povo, em meio aos problemas e ameaças da sua história.

Esta atitude de permanente vigilância, de contínua conversão do olhar, é também constitutiva da vocação cristã. Jesus a descreve com uma parábola, na qual a lâmpada acesa é o símbolo do olhar transparente e vigilante que deve caracterizar seus seguidores chamados ao “banquete do Reino”.

Seguidores de Jesus, somos chamados a ser permanentemente, na Igreja e no mundo, sentinelas do Reino, capazes de discernir com lucidez e perspicácia as interpelações e os desafios que surgem no horizonte da história, e que podem ser ou “boa-nova” para o povo, ou “ameaça e atentado” à sua vida e dignidade.

Cada momento histórico tem os seus “sinais” que remetem a intervenções misericordiosas de Deus na história dos povos. Devemos, portanto, viver a contínua “conversão do olhar”, que nos permita enxergar e anunciar na arena da história, a presença das bem-aventuranças, a lógica maior do Reino de Deus, os sinais da misericórdia infinita do Pai. A encruzilhada histórica que estamos vivendo parece pedir com mais urgência tal atitude.

Vigiar não significa, portanto, passividade; é ousar renascer, advir, vir-de-novo, recomeçar...
Nessa vigilância vislumbramos detalhes decisivos: a vivência da ternura, a reinvenção da vida em cada amanhecer, o criar asas e alçar vôo, o despertar de sonhos, a gratuidade amorosa, a alegria descontrolada...

Espera-se Jesus vivendo os valores que Ele encarnou: o cuidado dos pobres, a misericórdia aos faltosos, a tolerância para com o diferente, o pão de cada dia a todos, o coração dilatado à misteriosa presença do Amor... “O difícil é esperar. Desespere é fácil, e é a grande tentação” (Péguy).

Um canto de fé e de esperança segura: esse é o sentido da existência cristã. Com essa espera de Deus, com essa esperança, o cristão pode dar sabor à sua vida, muitas vezes modesta e simples. Ter esperança é, essencialmente, busca incessante, luta por aquilo que não tem lugar agora, mas, acredita-se, terá um dia.

A esperança tem suas raízes na eternidade, mas ela se alimenta de pequenas coisas. Nos pequenos gestos ela floresce e aponta para um sentido novo. O Advento nos revela segredos futuros: no ponto final seremos todos acolhidos por Aquele que nos quer “eternos”. Porque Ele é “terno”. E disso temos saudades.

Pe. Adroaldo, sj.

www.domtotal.com

2. O advento é como uma cela (Bonhoeffer)

No meio da resistência nazista, Dietrich Bonhoeffer, mártir cristão, ofereceu três modelos teológicos para o tempo cristão da espera.

Por Elisabeth Rain Kincaid

Em 21 de novembro de 1943, Dietrich Bonhoeffer escreveu uma carta desde a prisão de Tegel. “**Uma cela de prisão como esta é uma boa analogia para o Advento**”, disse ele. “Uma espera, esperançosa, faz isso com todos - coisas insignificantes, detalhes – como a porta que está trancada e só pode ser aberta do lado de fora”.

A comparação entre o Advento e uma cela de prisão pode parecer estranha. **Evoca impotência, talvez até desesperança.** No entanto, é esse tipo particular de espera que Bonhoeffer acredita que melhor nos prepara para a vinda de Cristo.

Embora uma prisão nazista tenha lhe dado essa metáfora, **os sermões que escreveu durante seu tempo de ministério ativo também apresentam uma visão semelhante da espera do Advento.** Nestes sermões, Bonhoeffer vê o tempo antes do Natal como uma expressão litúrgica aguçada da tensão que supõem nossas vidas inteiras como cristãos. Celebrar o advento nos prepara para viver como pessoas que romperam radicalmente com o mundo atual do pecado e da morte e também estão se preparando para o futuro redimido que Deus já realizou em um sentido, o de Cristo. Por meio do advento, aprendemos a viver nessas duas realidades simultâneas: já fomos libertos e, ainda assim, nossa liberação ainda está por vir.

Os sermões de Natal e Advento de Bonhoeffer destacam três figuras que exemplificam a vida em meio a essa tensão e, pelo exemplo, podem nos guiar neste tempo especial. Aprender a esperar dessas figuras que o teólogo sugere não será nada afável e acolhedor, mas profundo, perigoso e afetado pela tristeza e pela dor.

A primeira figura é Moisés. Este não é o triunfante Moisés liderando o povo de Israel através de um Mar Vermelho milagrosamente separado ou o legislador Moisés carregando as tábuas de pedra pela encosta da montanha. Pelo contrário, o Advento de Moisés é o encontrado em Deuteronômio 32, 48-52. Moisés sabe que a promessa de Deus será cumprida, mas também sabe que a promessa não será cumprida em sua vida. Em vez disso, vai morrer no Monte Nebo, olhando através do rio para a terra prometida. Este Moisés aparece a princípio como a própria antítese do Advento, visto que é aquele para quem a promessa nunca é cumprida.

No entanto, Bonhoeffer encontra na experiência de Moisés uma expressão do nosso próprio Advento e da nossa esperança. Assim como Moisés, sabemos que a promessa foi cumprida - Jesus veio - mas ainda não completamente. Por meio do castigo de Moisés - sua morte antes de entrar na Terra Prometida - também somos lembrados de que **o Advento é um período de morte, julgamento e arrependimento**. Em uma inversão da ordem do mundo, passamos da morte ao nascimento e à nova vida. Essa consciência de nossa própria morte e julgamento é crucial para entendermos que só entramos na Terra Prometida devido à vitória de Deus, não à nossa própria vitória. Como Bonhoeffer coloca, “Deus está conosco e não estamos mais desabrigados. Um pedaço do lar eterno é inserido em nós”.

A segunda figura é José. Como Moisés, José, em certo sentido, viu o cumprimento da promessa de Deus. Ele confia em Deus e toma Maria, já grávida, como sua esposa. Em resposta, Deus lhe promete o impossível: que Maria está “grávida do Espírito Santo” e o filho que carrega “salvará o seu povo dos seus pecados” (Mt 1,21). O nascimento da criança é acompanhado por anjos. No entanto, apesar da chegada do prometido Salvador, o anjo ordena que José corra de volta ao Egito, a terra da escravidão de seu povo. Então José espera no Egito. Mesmo quando Deus lhe diz para voltar, ele não o envia para Jerusalém, a terra da promessa, mas sim para o lugar mais insignificante da Judéia - a cidade de Nazaré. Como Bonhoeffer escreve: “Foi para José, como para todo o mundo, incomprensível que a pequena Nazareth fosse o destino do salvador do mundo”.

Toda a vida de José está marcada pela espera, e é através de sua fiel espera que as promessas de Deus são mais completamente cumpridas. Ao sair do Egito, Jesus incorpora a libertação do povo de Deus em sua própria vida e sua redenção salvífica final de todo o povo de Deus. Através de sua vida entre os pobres, humildes e esquecidos em Nazaré, Jesus vive a vida de todos aqueles que são humildes e esquecidos, a vida de todos aqueles que, como seu pai humano, esperam sem saber que a consumação de Deus vem.

A terceira figura é Maria. Bonhoeffer a descreve como a pessoa que “sabe melhor do que ninguém o que significa esperar por Cristo”. Como pessoa, “ela experimenta em seu próprio corpo que Deus faz coisas maravilhosas com os filhos dos homens, que seus caminhos não são nossos caminhos, que Deus não pode ser definido por homens, ou circunscrito por suas razões ou ideias”. Nesse sentido, Maria literalmente incorpora uma tensão teológica fundamental: Grávida do Salvador, ela espera por sua chegada radical, mas ao mesmo tempo sente profundamente dentro de seu próprio corpo como a promessa de Deus já foi cumprida.

Maria também exemplifica a espera comum da igreja pela redenção do povo de Deus e pela restauração de toda a criação. No Magnificat, descreve como o bebê que carregará realizará o fim de todos os sistemas de poderes opressivos, os poderosos serão retirados de seus tronos e os pobres e esquecidos reivindicados. Maria passa sua vida antecipando essa conclusão redentora. Ela espera através da gravidez, através do ministério de Cristo, através da crucificação, até o Pentecostes. Mesmo depois do Pentecostes, ainda espera na casa do apóstolo João, sabendo que a culminação que previu - onde toda a criação é renovada - ainda está por vir.

Essas três figuras do “Advento” levantam questões difíceis sobre o estado de nossos corações à medida que nos aproximamos do tempo de Advento e do Natal.

Primeiro, temos que reconhecer a ruptura radical da vinda de Cristo, enquanto esperamos dentro do “agora”. No entanto, não somos livres para realizar o cumprimento definitivo da promessa de Deus com nossa própria força de vontade ou em nosso próprio cronograma. Na verdade, nem mesmo somos livres para esperar corretamente. Cristo “vem para nos resgatar das prisões de nossa existência, da ansiedade, da culpa e da solidão”, escreve Bonhoeffer, mas, para estarmos prontos para esse resgate, precisamos primeiro ver até que ponto estamos totalmente escravizados. (Aqui, sua analogia com a prisão volta à mente). O advento, portanto, é definido por um duplo movimento: primeiro, saber que ainda estamos escravizados e, segundo, saber que Cristo já nos libertou.

Em segundo lugar, a quem estamos esperando? Jesus vem no Natal como criança, mas no final dos tempos, vem trazendo o temor e pode trazer também o julgamento. De Moisés, aprendemos

que o Advento requer que morramos antes de podermos renascer. Assim, só podemos receber a criança e entrar em seu reinado assim que aceitarmos o julgamento de Deus e, de certo modo, nossas próprias mortes. No entanto, enquanto esperamos pelo julgamento, também estamos seguros no conhecimento de que já estamos sendo levados para a paz de Deus. Sempre nos vemos “no momento” e no horizonte escatológico de Cristo. No advento, então, é importante lembrar o que significa esperar por um filho, não apenas um rei.

Quando consideramos esse segundo movimento duplo do Advento - a vinda do Senhor em juízo e a vinda do menino Jesus - percebemos que **Deus exige mais do que poderíamos imaginar ou realizar**. Também percebemos que, ao se tornar um de nós na Encarnação, Cristo já realizou tudo.

Finalmente, o que fazemos durante essa espera? Bonhoeffer identifica os cristãos com os servos de Lucas 12 que mantêm as lâmpadas acesas enquanto esperam pelo noivo. Porque sabemos que o noivo virá, nossa espera não é passiva ou resignada. Ao contrário, como José e os servos, aprendemos a esperar ativamente que as promessas de Deus sejam cumpridas.

Também aprendemos a viver a liberdade radical que vem da promessa de Deus já sendo cumprida. Mais fundamentalmente, **somos libertos do cativeiro dentro de nós mesmos**. Essa liberdade, diz Bonhoeffer, nos liberta de “pensar apenas em [nós mesmos], de ser o centro do meu mundo, do ódio, pelo qual eu desprezo a criação de Deus. Significa ser para o outro: as pessoas para os outros. Só a verdade de Deus pode me permitir ver o outro como ele realmente é.

Bonhoeffer viveu este Advento esperando em sua própria cela de prisão. Embora a porta estivesse trancada e sua vida estivesse em ruínas ao seu redor, ele ainda se agarra ao conhecimento de sua liberdade em Cristo, e o fez através da prática do Advento. Em uma carta enviada a seus pais, descreveu como uma cena do presépio de Altdorfer “em que se vê a sagrada família com a manjedoura entre os escombros da casa desmoronada... é particularmente oportuna”, no meio de um mundo alienado, o medo da morte, e o conhecimento de nossas próprias falhas e cativeiros, “até aqui podemos e devemos celebrar o Natal”.

www.domtotal.com

3. Meditação de Advento de Bento XVI

Celebração das primeiras vésperas do 1º domingo do advento

A primeira antífona desta celebração vespertina apresenta-se como abertura do tempo do Advento e ressoa como antífona de todo o ano litúrgico. Ouçamo-la novamente: "Transmitem aos povos este anúncio: eis que vem Deus, o nosso Salvador". **No início de um novo ciclo anual, a liturgia convida a Igreja a renovar o seu anúncio a todos os povos e resume-o com duas palavras: "Deus vem".**

Esta expressão tão sintética contém em si uma força de sugestão sempre nova. Paremos um momento para reflectir: não se usa o passado *Deus veio* nem o futuro *Deus virá* mas sim o presente: "**Deus vem**". Trata-se, em última análise, de um presente contínuo, ou seja, de uma ação sempre em acto: aconteceu, acontece agora e voltará a acontecer. Em qualquer momento, "Deus vem". O verbo "vir" aparece aqui como um verbo "teológico" e mesmo "teologal", porque diz algo que se refere à própria natureza de Deus. Por conseguinte, anunciar que "Deus vem" equivale simplesmente a anunciar o próprio Deus, através de uma sua característica essencial e qualificadora: o seu ser o *Deus-que-vem*.

O Advento exorta os fiéis a tomarem consciência desta verdade e de agirem consequentemente. Ressoa como um apelo saudável, na repetição dos dias, das semanas e dos meses: Acorda! **Recorda que Deus vem! Não ontem, não amanhã, mas hoje, agora!** O único Deus verdadeiro, "o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacob", não é um Deus que está no céu, desinteressando-se por nós e pela nossa história, mas é o Deus-que-vem. É um Pai que nunca cessa de pensar em nós e, no respeito extremo pela nossa liberdade, deseja encontrar-nos e visitar-nos; quer vir, habitar no meio de nós, permanecer

connosco. O seu "vir" é impelido pela vontade de nos libertar do mal e da morte, de tudo o que impede a nossa verdadeira felicidade. Deus vem para nos salvar.

Os Padres da Igreja observam que o "vir" de Deus contínuo e, por assim dizer, conatural ao seu próprio ser concentra-se nas **duas vindas principais de Cristo**: a da sua Encarnação e a do seu retorno glorioso no fim da história (cf. Cirilo de Jerusalém, *Catequese 15, 1: PG 33, 870*). O tempo do Advento é vivido inteiramente segundo esta polaridade. Nos primeiros dias, dá-se relevo à última vinda do Senhor, como demonstram também os textos da hodierna celebração vespertina.

Depois, aproximando-se o Natal, prevalecerá ao contrário a memória do acontecimento de Belém, para reconhecer nele a "plenitude do tempo". **Entre estas duas vindas "manifestas", pode-se reconhecer uma terceira, que São Bernardo chama "intermédia" e "oculta", que tem lugar na alma dos fiéis e lança como que uma "ponte" entre a primeira e a última.** "Na primeira escreve São Bernardo Cristo foi a nossa redenção; na última, manifestar-se-á como a nossa vida: é nela que se encontram o nosso descanso e a nossa consolação" (*Disc. 5, sobre o Advento, 1*). Para esta vinda de Cristo, que poderíamos chamar "encarnação espiritual", o arquétipo é sempre Maria. Como a Virgem Maria conservou no seu coração o Verbo que se fez carne, assim cada alma e toda a Igreja são chamadas, na sua peregrinação terrena, a esperar Cristo que vem e a acolhê-lo com fé e amor sempre renovados.

Assim, a liturgia do Advento evidencia o facto de que **a Igreja dá voz à expectativa de Deus**, profundamente inscrita na história da humanidade; infelizmente, trata-se de **uma expectativa sufocada ou desviada para falsas direcções**. Como Corpo misticamente unido a Cristo Cabeça, a Igreja é sacramento, ou seja, sinal e instrumento eficaz também desta expectativa de Deus. De uma forma que somente Ele conhece, a comunidade cristã pode apressar a sua vinda final, ajudando a humanidade a ir ao encontro do Senhor que vem. E fá-lo antes de tudo, mas não só, mediante a oração. Além disso, as "boas obras" são essenciais e inseparáveis da oração, como recorda a prece deste primeiro Domingo do Advento, com que pedimos ao Pai celeste que suscite em nós "a vontade de ir com boas obras ao encontro" de Jesus que vem. Nesta perspectiva, o Advento é mais adequado a ser um tempo vivido em comunhão com todos aqueles e graças a Deus são numerosos que esperam num mundo mais justo e mais fraternal. Neste compromisso pela justiça podem encontrar-se juntos, de certa maneira, homens de todas as nacionalidades e culturas, crentes e não-crentes. Efectivamente, todos são animados por uma aspiração comum, embora diferente pelas suas motivações, **em vista de um futuro de justiça e de paz**.

A paz é a meta à qual toda a humanidade aspira! Para os que crêem, a "paz" é um dos mais bonitos nomes de Deus, que deseja a compreensão de todos os seus filhos, como pude recordar também na peregrinação dos dias passados na Turquia. Um cântico de paz ressoou nos céus, quando Deus se fez homem e nasceu de uma mulher, na plenitude dos tempos (cf. *Gl 4, 4*). Portanto, começemos este novo Advento um período que nos é concedido pelo Senhor do tempo despertando nos nossos corações a expectativa de Deus-que-vem e a esperança de que o seu Nome seja santificado, que venha a nós o seu Reino de justiça e de paz, que seja feita a sua Vontade assim na terra como no céu.

Nesta expectativa, deixemo-nos orientar pela **Virgem Maria, Mãe de Deus-que-vem, Mãe da Esperança**. Ela, que daqui a poucos dias celebraremos como Imaculada, nos conceda que sejamos encontrados santos e puros no amor, quando vier nosso Senhor Jesus Cristo, a quem, com o Pai e com o Espírito Santo, sejam dados louvor e glória por todos os séculos. Amém.

Sábado, 2 de Dezembro de 2006